

**Prefácio**  
à edição brasileira

Não é surpresa ver mais um livro enriquecer a bibliografia brasileira sobre Winnicott. Os eventos nacionais e internacionais dedicados à divulgação de pesquisas sobre sua obra, bem como as publicações em revistas e em forma de livro que os acompanham, estão se tornando mais frequentes a cada ano. Há tempo que Winnicott é o autor psicanalítico mais citado nos trabalhos produzidos na América Latina. Recentes sondagens mostraram que, mesmo fora dessa área geográfica, a obra de Winnicott é, depois da de Freud, a mais consultada pelos formandos das sociedades de psicanálise. Vão sendo criadas, no Brasil e no exterior, novas instituições permanentes de caráter acadêmico com o objetivo específico de promover pesquisa, ensino e divulgação do pensamento winnicottiano. Na Inglaterra, fala-se em preparar a edição das obras completas do psicanalista inglês, uma iniciativa cuja realização vem sendo esperada há muito tempo pelos pesquisadores.

A contribuição de Béatrice Dessain inscreve-se nesse movimento crescente, cujo significado transcende os estudos winnicottianos propriamente ditos. Ao dar o devido destaque a uma das obras mais ricas da história da psicanálise, esse movimento revigora de modo significativo a posição da psicanálise no campo de estudos contemporâneos sobre o ser humano. Falo em devido destaque, pois cabe reconhecer, em primeiro lugar, que o pensamento de Winnicott deu à psicanálise novos e decisivos impulsos, os quais, além de constituírem uma rearticulação interna de caráter revolucionário, colocam essa disciplina, precisamente em virtude disso, em condição de dialogar com os mais recentes desenvolvimentos nas ciências do homem, em particular com a neurociência, sem temer ser reduzida a esta ou declarada descartável. Em segundo lugar, não se deve esquecer que Winnicott foi deixado por muito tempo na sombra de M. Klein, e a obra que produziu, como apontaram James S. Grotstein e Margaret Little, foi propositadamente diminuída ou mesmo abertamente hostilizada.

A abordagem apresentada por Dessain não pretende situar Winnicott no quadro geral do desenvolvimento da história da psicanálise ao qual acabo de aludir, nem contempla suas relações com autores que foram suas referências mais diretas, como a própria M. Klein, Fairbairn e Marion Millner. O enfoque escolhido neste ensaio, escrito na Bélgica francófona, área cultural que mantém fortes laços com a França, é mais específico: a psicanálise francesa dominada pela figura de Lacan. Uma vez que o tema “Winnicott e Lacan” está na ordem do dia — veja-se, por exemplo, a série de publicações recentes em língua inglesa sobre esse assunto —, a perspectiva privilegiada por Dessain será particularmente instigante para muitos leitores.

Se tomássemos seu texto ao pé da letra, a autora estaria empenhada em utilizar Lacan como a chave de leitura de Winnicott: as duas primeiras partes

do livro tratariam, conforme ela mesma afirma, do que seriam as relações entre o imaginário e o real em Winnicott; a terceira parte aborda nossa alienação no registro do imaginário, e a quarta discorre sobre o advento do “sujeito” na forma winnicottiana do verdadeiro si-mesmo. A organização do estudo seguiria um programa lacaniano. Lido assim, o presente livro se alinharia às numerosas tentativas atuais, empreendidas por psicanalistas de filiação lacaniana, de assimilar Winnicott a Lacan, com o propósito geral de mostrar que Winnicott é importante apenas como precursor de Lacan, no sentido de ter expressado, em uma linguagem meramente descritiva e sem rigor conceitual, intuições clínicas que foram elevadas por Lacan ao nível de teoria psicanalítica, isto é, da metapsicologia. O resultado final seria um Winnicott lacanizado.

Contudo, uma leitura mais atenta revela que Dessain não cai nessa armadilha de apequenar seu objeto de estudo e não priva o texto de Winnicott de sua especificidade ou sua autoridade. Ao mesmo tempo em que mobiliza Lacan, Dessain segue uma agenda que consiste em reconstruir as etapas ou os aspectos do processo maturacional dos indivíduos humanos. Isso a libera para tratar de Winnicott em termos de Winnicott e para reconhecer que, além do valor ímpar de comunicação imediata, esses termos, por fugirem da especulação metapsicológica, fornecem a base de um novo modo de teorização na psicanálise. O leitor se depara com temas como: preocupação materna primária, diferentes modos de facilitação inicial do processo de amadurecimento, elementos não pulsionais da natureza humana, que são os elementos feminino e masculino puros, a criatividade originária, a criação do espaço potencial, o brincar, o uso de um objeto e a destruição do objeto como caminho da construção (criação) da sua externalidade, a criação do verdadeiro e do falso si-mesmo, e do espaço em que vivemos — enfim, ficam apresentadas de forma clara e minuciosa as principais novidades introduzidas por Winnicott em sua teoria do amadurecimento humano, “espinha dorsal” de sua psicanálise.

Não é de estranhar, portanto, que desde o início o leitor se defronte com dissonâncias entre o enquadre lacaniano e o recheio winnicottiano no estudo de Dessain. Já o compasso inicial de sua análise da teoria winnicottiana do processo de desenvolvimento traz a famosa frase: “o bebê é algo que não existe”. Considerada com a devida atenção, essa afirmação enigmática não pode facilmente ser acomodada nos registros lacanianos, que obrigam a relegar ao biológico o bebê humano não inscrito no registro do imaginário ou do simbólico. Ela resiste também à conceituação metapsicológica da psicanálise tradicional em seu todo, incluindo a freudiana, a qual, de inspiração kantiana, só pode trabalhar a não-realidade e a não-presença como privação da realidade ou da presença.

Eu diria mais: para a apreciação adequada do mencionado mote de Winnicott, seria necessário ultrapassar o quadro teórico das ontologias ocidentais e mobilizar um horizonte pós-metafísico ao gosto de Heidegger ou, quem sabe, de certos pensadores orientais. O relacionamento inicial mãe-bebê não se dá na ordem do real, mas em uma dimensão na qual, na hora de o ser emergir, no indivíduo humano, do não ser, se constitui o primeiro sentido do real. Dessa forma, a psicanálise winnicottiana fica envolvida, assim como o próprio bebê o é já na hora em que nasce, com a questão do sentido de ser, questão cuja resposta, segundo Winnicott, é uma tarefa que define o acontecer humano desde o início e, segundo Heidegger, aquilo que move a filosofia desde os seus primórdios.

Outras perguntas não menos importantes emergem: onde vive o ser humano desde que nasce? De novo, uma ressonância heideggeriana: o homem é um ser no mundo, mas com um importante adendo: ele é, antes disso, um ter-de-chegar-ao-mundo e nele crescer. Nesse contexto, fica difícil seguir a transposição lacaniana do tema winnicottiano paradigmático de objetos transicionais no objeto pequeno *a*. O desenvolvimento posterior à criação dos objetos transicionais passa por uma relação "especular", mas para Winnicott o espelho não é um objeto de mobília das habitações humanas nas sociedades urbanas, mas, desde os tempos imemoriais e em todas as sociedades conhecidas, a face da mãe, um espelho que permite em primeiro lugar existir, e só depois ver. O inconsciente de Winnicott não é o de Freud ou de Jung. Será ele equivalente ao de Lacan? Dessain hesita em responder de forma categórica.

Enfim, apesar de se valer da moldura lacaniana, Dessain não persevera na tentativa de traduzir para a linguagem de Lacan todo o conteúdo da ideia de desenvolvimento e crescimento, isto é, de amadurecimento (*maturation*). Ao contrário, aos poucos prevalece a tendência de dar a Winnicott o que é de Winnicott, e o livro culmina, de forma que só surpreenderá um leitor desatento, na "homenagem" à originalidade do pensamento winnicottiano, como se, mesmo depois de ter escrito um livro sobre suas ideias, ainda lhe devesse alguma coisa.

Dessain reafirma que a obra de Winnicott não trata em primeiro lugar do pulsional ou do sexo, nem do ser em um registro, mas do ser no mundo dos seres humanos. As perguntas-guia de Winnicott dizem respeito à origem de nosso ser e ao fato de que há um mundo, um lugar em que vivemos. A resposta parte do estudo de um ser humano que não fala e que para falar precisa de um ambiente facilitador. A inscrição no imaginário é inevitável, mas o especular, aquilo que formata e engessa o bebê humano segundo Lacan, não

é tudo: a criatividade originária, que se revela inclusive na constituição de um si-mesmo verdadeiro, não só reivindica como cria seu espaço de jogo.

Essa louvação de Winnicott — formulada, como se vê facilmente, em uma linguagem que pouco ou nada deve especificamente a Lacan — termina pela evocação de um jogo — o jogo do rabisco — que, como poucos outros, revela o que está em questão no relacionamento clínico e no relacionamento humano em geral. Sem jamais ser incisiva, procedendo por indicações e aproximações, a autora mostra que, embora se possa admitir que as linhas de pensamento de Winnicott e Lacan sejam postas em paralelo e mesmo cruzadas, elas também se separam e avançam em direções distintas, às vezes opostas.

O livro de Dessain se caracteriza em seu todo por um traço que chamaria de polifônico, em homenagem à grande herança musical de seu país. As principais vozes que se ouvem são, sem dúvida, as de Winnicott e Lacan. Outras são filosóficas, anunciadas já na introdução pela referência a Merleau-Ponty; e outras são ecos emprestados à literatura contemporânea. Cada uma se subdivide, para se recompor e se combinar com as outras.

Logo de início surge o motivo emprestado ao filósofo kantiano de Liège, Jean-Renaud Seba: o espaço potencial no qual desponta o objeto transicional é simultaneamente a dimensão em que se constituem as condições empíricas do transcendental. Aqui, o termo "transcendental" não é tomado apenas no sentido estritamente kantiano, cognitivo e moral, mas no sentido mais amplo que tem em Heidegger, que o refere à capacidade de habitar o mundo. Eis uma tese extremamente interessante que, mesmo sem ser mais do que uma isca para cativar o leitor indagativo, abre para a dimensão filosófica do pensamento winnicottiano. As referências a Kant se multiplicam em seguida — em particular, as relativas à natureza da imaginação (como se sabe, em Kant, a imaginação faz parte da atividade pela qual o sujeito autônomo domina cognitivamente o mundo externo; em Lacan, ela é um processo de submissão do sujeito ao mundo externo) e da aparência —, embora, seguindo o estilo escolhido, a autora fique nas indicações a conferir. Dessain se faz acompanhar por Heidegger em passos decisivos, ainda que na maioria das vezes ele apareça apenas na forma do vocabulário escolhido. Mais uma vez, as reticências do subtexto fazem parte do principal do texto.

As vozes da literatura também são ouvidas, como disse. As referências a Blanchot, Mallarmé e Rilke são breves, mas altamente significativas: apontam para o pré-representacional nesses autores, mais ainda para o campo não estruturado que eles revelam, do qual se origina toda obra criativa. Esta é mais uma indicação preciosa de Dessain, que poderia ser explorada adicionalmen-

te, atendendo ao poder da palavra poética, reconhecido por Winnicott, de alcançar toda a verdade e de transubstanciar as coisas. Outros ecos, como os do poeta metafísico inglês John Donne ou os mais recentes de T. S. Eliot, leitura de Winnicott na hora de sua morte, poderiam ser lembrados. Assinalados e valorizados por Winnicott, esses *flashes* de luz sobre o humano não transformam sua obra em poesia amadora. Winnicott sempre se definiu como um estudioso da natureza humana que busca subsídios para resolver os problemas do tipo psicanalítico e que, em seus estudos, se vale, assim como fazia Freud, do método científico.

Se é verdade que este instigante livro de Béatrice Dessain traz mais perguntas do que respostas e brinda o leitor com indicações, em vez de o assegurar por explicações, isso não é de modo algum resultado de falta de recursos — estes são, como disse, muitos e variados —, mas da delicadeza dos cuidados que toma ao se aproximar de uma obra que não se deixa dominar e que constantemente impõe a todos nós, como tudo o que é verdadeiramente grande, períodos de hesitação e reticências.

Zeljko Loparic